REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	—$—	—$—

10.º ANNO — VOLUME X — N.º 313

1 DE SETEMBRO 1887

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

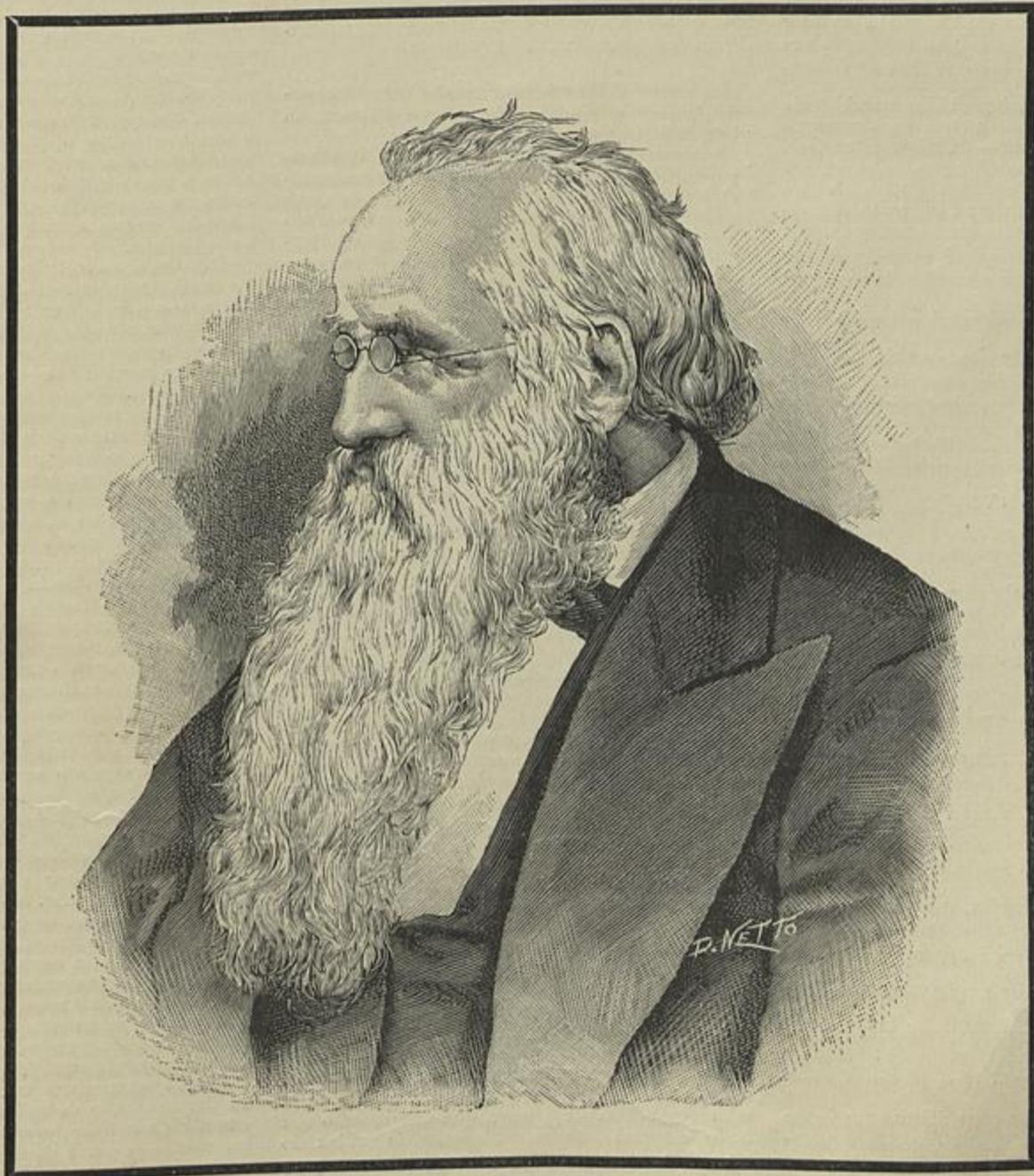
Voltamos ainda hoje ao caso do assassinio do violinista hespanhol José Rodriguez, porque temos uma rectificação a fazer, e uma nota curiosa a accrescentar á narrativa que fizemos na nossa ultima chronica.

N'essa chronica dissemos, como todos os jornaes de Lisboa disseram, e como toda a gente aqui pensava, que José Rodriguez, o hespanhol assassinado pelo fadista, era marido da 1.ª tiple da companhia de zarzuela do theatro da Trindade, a sr.ª Dorinda Rodriguez.

Dias depois do fatal acontecimento do Rocio, soube-se que não era assim.

No hospital de S. José, appareceu por intermedio do sr. consul de Hespanha a reclamar o espolio do hespanhol que ali fallecera, a sua viuva, e sua viuva não era a festejada actriz da Trindade.

Foi então que se soube que a legalidade não sanccionára esses laços d'amor que a navalha d'um fadista da Mouraria cortára no Rocio, e que Dorinda Rodriguez só podia deitar pelo morto lucto no coração: — o crepe da viuvez pertencia a outra mulher.

Nem o publico nem nós temos absolutamente nada com estas coisas, bem sabemos; fazem parte dos dominios da vida intima, que não é dado devassar; e a missão da imprensa não é com certeza a verificação das certidões de matrimonio de ninguem, e ainda bem que assim é, porque de contrario que trabalho não seria o

AGOSTINHO DEPRETIS — FALLECIDO EM 29 DE JULHO DE 1887

nosso de andar a fiscalisar todos os casaes amorosos que atravessam de braço dado a vida, risonhos e felizes, e a revolver as malas de todas as actrizes bonitas que passam no nosso palco, cobertas de gloria e rodeadas d'ovação, á procura dos vestigios d'uma estola nas suas ligações intimas, em busca da assignatura d'um parocho ou d'um administrador de concelho a authenticar as suas cartas d'amor.

Entretanto como d'esta vez o reconhecimento d'este casamento bastardo foi bem publico, porque—por uma fatal circumstancia—bem publico fôra a noticia falsa da sua legalidade—nós que démos essa noticia, não podemos deixar de a rectificar, sem que isso altere uma virgula, sequer, no que dissemos ácerca d'este triste caso, ácerca da dôr pungentissima que feriu o coração d'aquella pobre actriz, tão duramente experimentado pela adversidade n'estes ultimos tempos; porque como toda a gente sabe, a legalidade nada tem que ver com o sentimento, e não é a estola d'um sacerdote que envolve duas mãos que se unem, que faz apertar os laços d'affecto que prendem duas creaturas, que faz diminuir ou augmentar a affeição que ellas se dedicam.

Feita assim a rectificação devida, passemos á nota curiosa que temos a accrescentar a nossa historia do assassinio do hespanhol José Rodriguez.

Essa nota é verdadeiramente estranha, phantastica, e tem um colorido perfeitamente hespanhol.

Dias antes da tragedia do Rocio, José Rodriguez conversando com Dorinda a respeito da sua vida, dissera lhe:

—Agora é que principio a sentir-me despreoccupado, a vêr-me livre do terror supersticioso que tem pezado sobre toda a minha vida.

—O que? Ainda te referes á historia da bruxa? perguntou-lhe Dorinda, que conhecia bem os taes terrores, em que José Rodriguez fallava.

—Ainda: agora é que começo a estar mais descançado, a convencer-me de que a mulher esteve a caçoar commigo; já vou indo para velho, já me parece que a tal prophecia falhou, graças a Deus!

E o que era essa prophecia? Era uma historia como a que constitue toda a base d'um romance celebre de Eugenio Sue—da *Bonne-Aventure.*

Quando começava a ser homem, rapazote ahi dos seus 17 para 18 annos, José Rodriguez fôra em Hespanha, por brincadeira, para rir, consultar uma mulher que deitava cartas, uma advinha.

A bruxa pegou-lhe na mão e esteve a ler-lhe nas linhas da mão o seu futuro e o futuro da sua familia.

—Tem duas irmãs, disse-lhe a feiticeira.

—É verdade, tenho.

—Pois ambas ellas hão de casar ricas.

—Bravo! Gosto d'estas prophecias, tornou rindo José. Bom, o futuro d'ellas já se sabe, é bem bonito: agora o meu.

A bruxa olhou fixamenté para a mão do hespanhol, e a testa enrugou-se-lhe, annuviou-se-lhe o parecer.

—Então o que é isso? Vê alguma coisa desagradavel!

—Vejo.

—O que é?

—Quer que lhe diga o seu futuro!

—Já se vê que quero, foi para isso que vim cá.

—Veja bem: quer? insistiu a feiticeira.

—Quero, está visto! respondeu impaciente José Rodriguez.

—O seu futuro, decretou pausadamente a bruxa com a sua voz sybillina—é morrer de morte violenta.

—De morte violenta! tornou José Rodriguez, com um riso amarello, querendo zombar da prophecia, mas ao mesmo tempo sentindo invadir-se por um certo terror supersticioso.

—Sim, hade ser assassinado!

O hespanhol, pagou á bruxa a sua consulta e foi-se embora.

De vez em quando porém, quando se achava nas suas mais alegres festas de rapaz, o vaticinio da bruxa, atravessava-lhe o espirito, e ficava sombrio, preoccupado...

Depois isso passava-lhe; e voltava-lhe a alegria da mocidade.

E durante muitos annos a prophecia sinistra aninhou-se lá dentro da sua memoria; surgindo quando menos a esperava: torturando-lhe todas as suas alegrias.

E por mais que fizesse para atirar para longe de si essa preoccupação supersticiosa, para enxotar esse demonio negro, nunca o conseguiu de todo.

Quando ao fim de grandes luctas entre o seu raciocinio e a sua superstição conseguira, não esquecer-se, mas rir-se do vaticinio da feiticeira, um bello dia uma das suas irmãs casa com um homem rico.

A prophecia da bruxa começava a cumprir-se.

E esse casamento que encheu de alegria toda a familia, foi para elle uma occasião de terror.

Pouco tempo depois a outra sua irmã casa, e casa tambem riquissima.

A feiticeira fizera tres vaticinios, dois estavam realisados, faltava só um—o seu!

E então o terror da morte violenta apossou-se completamente d'elle, não o deixou um momento durante longos annos.

Agora porém as suas aventuras de rapaz, tinham acabado; essas luctas d'amor em que a morte póde surgir a cada canto na lamina acerada do punhal d'um amante ciumento, tinham dito a sua ultima palavra: José Rodriguez vivia pacatamente, patriarchalmente, no seio da familia illegal que criára, e que legalisava pela tranquillidade feliz e despreoccupada do seu lar bastardo; e pouco a pouco a prophecia da bruxa foi-se esvaecendo do seu espirito.

De vez em quando pensava n'ella, mas pensava apenas para constatar a sua falsidade, para a annular com todas as rasões logicas do seu raciocinio, com todas as probabilidades que a sua existencia calma e socegada lhe offerecia.

E dois dias antes de morrer ainda como que para se rebustecer na sua incredulidade de feitiços, fallára com Dorinda, com a sua companheira, ácerca d'esse lugubre vaticinio que via, contentissimo, affastar-se cada vez mais das suas preoccupações...

Passam-se quarenta e oito horas e o pobre hespanhol encontra na navalha traiçoeira d'um assassino selvagem, d'um assassino estranho—d'um d'esses homens, felizmente raros, que matam por matar, sem odio, sem rancor, sem provocação, sem estimulo—a realisação da profecia da feiticeira!

Não é uma historia singular, esta historia de bruxas e não tem todo o colorido phantastico d'uma verdadeira lenda hespanhola?

Os francezes dizem que—*à quelque chose malheur est bon,* e parece que d'esta vez Lisboa dá rasão a este dito.

A morte desgraçada do pobre violinista hespanhol, parece que acordou finalmente os poderes publicos do lethargo em que dormiam, e que provando eloquente e tristemente esse assassinio a inutilidade da policia civil, como ella está organisada, e como é desempenhada, o governo pensa em reformar essa policia a sério, em fazel-a entrar no verdadeiro caminho, tornal-a uma instituição util, séria, proveitosa e civilisadora, do que por emquanto está ainda muito longe.

Toda a imprensa de Lisboa tem sido unanime em accusar a policia, que irrefutavelmente tem, pelo desleixo na perseguição dos fadistas, dos faquistas e dos vadios, culpa grande no crime do Rocio, e apenas um unico jornal tem tentado desculpar a policia d'essas accusações, confessando todavia a necessidade urgente d'uma reforma.

Não temos hoje espaço nem tempo para nos occuparmos d'este assumpto importantissimo, de que está dependente a segurança individual de todos nós—hoje muito em risco como a policia como é feita!—voltaremos a elle em breve, fazendo votos desde já para que essa reforma seja a valer e não fique apenas em promessas d'occasião, ou em pequenas modificações inuteis e infructiferas

As camaras fecharam, e os *Diarios do Governo* começam agora a publicar as leis que se fizeram: os *diarios das camaras* trouxeram ainda ha poucos dias os ultimos discursos que alli se pronunciaram.

Entre os discursos do fim da sessão legislativa houve um realmente importante que foi estreia notavel na camara alta d'um dos novos pares electivos, já muito conhecido pelas altas qualidades do seu espirito, pelos dotes brilhantes e serios do seu elevado talento—o discurso do sr. conde de Valenças sobre a reforma das pautas.

Estudando a fundo o seu assumpto, com grande proficiencia, e lucido criterio, o sr. conde de Valenças, soube tratar a questão em toda a sua altura, com provadissima competencia, e ao mesmo tempo com uma elegancia de fórma, e com um brilho de phrase, que tornaram o seu bello discurso attrahente, apesar da aridez do assumpto, interessante para todos, mesmo para aquelles que mais alheios eram á questão.

A estreia do sr. conde de Valenças na camara dos pares, foi um acontecimento importante; e registando-o aqui como nos cumpre, congratulamo-nos com essa notabilissima estreia que foi a confirmação plena das distinctas qualidades d'orador parlamentar, que ornam esse benemerito da illustração popular, já tão illustre na nossa terra pelo seu provado talento, pelo seu formoso espirito, por toda a devotadissima dedicação com que tem empregado a sua vida a bem merecer da sua patria, a trabalhar para o engrandecimento moral e intellectual d'ella.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

AGOSTINHO DEPRETIS

A Italia perdeu no dia 29 de julho ultimo o seu estadista mais importante, na actualidade, Agostinho Depretis.

Não repetiremos aqui o que ficou dito na nossa Resenha Noticiosa do n.º 211 a paginas 184 quando á noticia do seu fallecimento juntámos algumas notas biographicas do eminente politico da Italia.

Depretis era um digno successor de Cavour, e este estadista tanto lhe conheceu o valor que o chamou para si, quando o viu sentado no primeiro parlamento do Piomonte, onde fôra levado pelos eleitores de Stradella, sua terra natal.

Pouco depois, em 1859, Cavour nomeou-o perfeito de Brescia, onde os espiritos se achavam extraordinariamente exaltados pela antiga dominação extrangeira. Alli se desempenhou Depretis tão notavelmente do seu cargo, em epocha que toda a Italia se agitava fascinada pela espada prestigiosa do grande Garibaldi, que logo lhe foi confiado o cargo de perfeito de Palermo, onde a excitação publica era ainda maior, e prestou então o grande serviço de impedir que Napoles e sobre tudo a Secilia, se constituissem n'um estado separado, ou que se proclamasse a republica em Palermo, o que qualquer das cousas eram prejudiciaes á grande unidade italiana.

Quando Cavour baixou ao tumulo, subiu ao poder Rattazzi, que já o havia occupado quando foi a paz de Villafranca; Depretis entrou pela primeira vez nos conselhos da corôa como ministro das obras publicas, em 1862, e depois ministro da marinha no ministerio Lamarmora e Ricasoli que dirigiu os destinos da Italia na epoca mais melindrosa para o seu futuro, em que, alliada com a Prussia, como já o havia sido com o imperio francez em Solferino, viu depois de Sodowa, e graças a Napoleão III, concluida a sua unificação com a posse de Veneza.

Os desastres de Custozza e de Lissa que determinaram a quéda do gabinete Lamarmora, deixaram profunda impressão no espirito de Depretis que, secundando a idéa de Mingheti e do almirante Saint-Bon de restaurar a marinha italiana, não descançou durante o seu governo de dez annos, em dotar a Italia com uma das primeiras esquadras do mundo.

Pela morte de Rattazzi, occupou Depretis a chefatura da esquerda que então reivindicava a todo o transe a posse de Roma, como complemento da união de Italia, proclamava a extincção do suffragio e a separação da Egreja do Estado, e pedia a diminuição dos impostos directos assim como a do grande tributo que pesava sobre as moagens.

Depretis, desenvolvendo o seu programma n'um notavel discurso que pronunciou ante os seus eleitores de Stradella, foi alvo dos mais enthusiasticos applausos, e é assim que elle toma a presidencia do governo, em 1876.

Governa a Italia onze annos seguidos, em que apenas por alguns mezes é substituido por Cairoli, gerindo entretanto a pasta da fazenda e do interior, e durante este longo consulado cerca-se de todos os homens politicos mais importantes do seu paiz, distribuindo-lhes differentes pastas.

D'estas successivas combinações ministeriaes, só elle sae illéso de todas as crises, sendo pedra angular da politica, como diz um seu biographo, inclinando-se ora á democracia, como quando se realisam os funeraes de Pio IX, os congressos republicanos de Roma e a agitação pela *Italia irridenta;* ora ás idéas relativamente conservadoras, quando os acontecimentos de Tunis abrem

abysmos entre a Italia e a França, quando a viagem dos reis a Vienna sella a alliança com os imperios germanicos, ou convertida a lucta de Bismarck contra o catholicismo em amisade e deferencia pela Santa Sé, Depretis comprehende que as correntes do Quirinal que levaram o conde de Robilaut ao ministerio dos extrangeiros, revelam as tendencias conservadoras da Europa monarchica.

Esta modificação nas suas opiniões levantou contra elle graves accusações de traidor, por parte do seu partido, mas depressa se acalmam os espiritos excitados, vendo que Depretis convida Crispi e Zanardelli a formar parte do seu governo.

Depois de um tão longo periodo em que Depretis figurou na politica italiana occupando o primeiro logar, este homem morreu quasi pobre, tendo sempre vivido o mais modestamente possivel para a sua posição elevada.

A sua casa de Stradella era tão modesta como o terceiro andar que habitava na rua Nacional, em Roma; sem aparatos nem estado, vindo elle proprio abrir a porta quando um dia bateu a ella o rei dos Hellenos.

Com a mesma simplicidade recebeu a visita do rei Humberto, na sua casa de Stradella, poucos dias antes do seu fallecimento.

Esta modestia de viver não lhe poupou, ainda assim, o acusarem-n'o de menos lizura n'uns contractos de caminhos de ferro, mas a sua probidade triumphou d'essas mesquinhas accusações, e a Italia toda lhes faz justiça e chora a sua perda.

O velho politico, que morreu aos 75 annos, principia a viver para a historia gloriosamente. Prova-o o grande sentimento do povo italiano, prova-o o seu funeral a que concorreram todas as corporações officiaes e particulares em grande numero de representantes, prova-o as demonstrações de reconhecimento publico que desde já se traduz em projectados monumentos que vão ser erigidos á sua memoria.

REGATA NO TEJO PROMOVIDA PELA REAL ASSOCIAÇÃO NAVAL

Realisou-se no dia 21 do mez que findou, a regata no Tejo promovida pela Real Associação Naval, conforme é costume nos mais annos, e á obsequiosa collaboração do sr. José Pardal devemos o poder publicar hoje um desenho d'esta festa.

A regata effectuou-se no Dáfundo em presença de sua magestade el-rei D. Luiz, que de bordo do seu yacht de recreio *Syrius* assistiu ás corridas dos barcos.

Muitos vapores, fragatas e barcos de recreio embandeirados conduzindo grande numero de espectadores assistiram á festa. Viam-se alli o vapor Dragão de S. M. El-rei D. Luiz, os yachts Amelia de S. A. o Principe D. Carlos, o Aura de S. A. o Infante D. Affonso, e o Gypsy, Surpreza, Gwendoline, Irene, Iris, Gavina, Relampago, Hilda, Ninni, e o escaler a vapor do yacht francez Velox que estava no Tejo com o seu proprietario barão E. Boissard de Bellet, do Havre, que representava o Yacht Club de França. Os socios da Real Associação Naval com suas familias iam a bordo do *Conductor*, onde tocava a charanga da armada.

Pelas 3 horas principiaram as corridas por duas guigas de quatro remos tripuladas pelos alumnos do collegio Arriaga, sendo a primeira, a *Sereia* tripulada pelos srs. Raul Borges, Ignacio Avellar, Arthur Fortes e Voga José Gil, tendo por timoneira a sr.ª D. Maria da Camara Arriaga, e a segunda a *Attempt*, tripulada pelos srs. Alfredo Pereira, Raul Garcia, José de Freitas e Voga José de Sousa, tendo por timoneira a sr.ª D. Maria da Gloria Loureiro.

Venceu a *Attempt* ganhando o premio da medalha *vermeil* (typo especial).

Esta corrida despertou grande enthusiasmo nos espectadores.

A segunda corrida foi de barcos de seis remos, tripulados por curiosos. Correu a guiga *Mizpha* do sr. João Aranha e a *Alice* do sr. Botelho. Ficou sem resultado esta corrida.

A terceira corrida foi tambem de guigas de 6 remos, tripuladas por curiosos. Correu a *Ophelia* do sr. A. P. Dias e a *Vega* do sr. A. Martins. Ganhou a primeira.

A quarta corrida que era de *outrigers* de de quatro remos não teve logar, entrando a quinta corrida pelos *Attempt* do sr. J. Aranha, e *Sereia* do sr. M. C. Oliveira, ganhando esta ultima.

Nas corridas á vella entraram primeiro o cahique *Mina* do sr. H. F. Moser, chalupa *Vega* do sr. J. T. de Carvalho e *Orion* do sr. D. A. Abreu Junior. Ficou vencedora a *Vega* apesar da *Mina* ter chegado primeiro, porque esta levava 5 minutos de avanço e ainda lhe faltaram 2 minutos..

A chalupa *Orion* soffreu grossa avaria quando abalroou com a *Mina* ao voltar, pelo que não poude continuar nas corridas.

Correram depois os cutters *Perola* do sr. barão de Sacavem e *Estrella* do sr. C. D. Luz, vencendo este ultimo.

Estes barcos estão todos registrados na Real Associação Naval.

De barcos não registrados n'esta associação, correram em primeiro logar, as canôas *Maria* do sr. A. da Silva Jurado e *Alexandre* do sr. F. P. Tacheta. Ganhou a primeira.

Em segundo logar correram os botes catraios, *Social* do sr. Bernardo Soares e *O'Brein* do sr. J. O'Brein. Ganhou o *O'Brein*.

Houve ainda uma outra corrida, a ultima, por aposta particular, em que correram as canôas *Fly* do sr. F. J. Burnay e *Divirtida* do sr. J. Roque, ganhando a primeira.

Este divertido e util certamen terminou ás 6 horas da tarde, reunindo-se depois os socios da Real Associação Naval e convidados, na casa da mesma associação, onde houve baile animado até á madrugada.

Estimariamos vêr repetidos estes concursos e por ventura com maior latitude, pois são tão agradaveis quanto uteis n'um paiz maritimo como é Portugal, e em que tanto se tem descurado a sua marinha em geral, n'estes ultimos tempos.

FRANCISCO EUGENIO PEREIRA DE MIRANDA

RESIDENTE EM CABINDA

Um dos officiaes que pelos seus dotes de espirito, pelas suas distinctas qualidades, pelo zelo que demonstrou sempre no desempenho de varias commissões de serviço, mereceu a estima do novo governador do districto do Congo, foi certamente o capitão Francisco Eugenio Pereira de Miranda, nomeado residente em Cabinda por proposta do mesmo funccionario.

Francisco Eugenio Pereira de Miranda nasceu a 30 de maio de 1848, filho de Silvestre José de Miranda e de D. Maria do Nascimento Miranda. Assentou praça em caçadores 2 em 17 de agosto de 1865, tendo concluido o curso do real collegio militar; foi promovido a alferes graduado para o batalhão de caçadores 5 em 19 de janeiro de 1870, alferes effectivo para caçadores 11 em 29 de março de 1870, tenente para caçadores 6 em 18 de agosto de 1875, capitão sem prejuizo para ir desempenhar uma commissão no ultramar por decreto de 3 de dezembro de 1879; foi nomeado para ir á India acompanhando o batalhão expedicionario que para ali foi, bem como para acompanhar a Lisboa o que ali estava; fez parte de uma commissão que foi a Angola em serviço d'obras publicas, e permaneceu n'aquella provincia por 4 annos; exerceu por 7 annos uma commissão de serviço na secretaria da guerra; foi considerado pertencendo ao estado maior de infanteria por effeito do decreto de 30 de outubro de 1884. Foi nomeado para exercer o logar de residente de Cabinda no novo districto do Congo por decreto de 10 junho de 1887.

Foi elogiado pelo ministerio da marinha pela maneira como desempenhou a commissão de acompanhar á India o batalhão expedicionario, mostrando n'este serviço muito zelo e dignidade e mantendo sempre a força que commandava debaixo de toda a disciplina militar.

Modesta é com effeito a sua folha de serviços; não se encontram n'ella os feitos distinctos nos campos de batalha, nem ornam o seu peito as veneras conquistadas nas guerras. Mas, será acaso elle o culpado de ter nascido n'uma epocha de feliz tranquilidade? Terá elle a culpa de não se lhe ter proporcionado occasião de illustrar o seu nome n'essas luctas tremendas? Não. E a prova de que busca sempre o trabalho digno e perigoso é que, pela segunda vez, vae arriscar a sua vida nos inhospitos climas africanos onde já permaneceu uma vez, como acima dissémos, quatro annos. E se as febres do Zaire não são menos perigosas que as projecteis de um inimigo, são certamente mais traiçoeiras, porque não se vêem, nem se pódem evitar, por maiores que sejam as cautellas e as prevenções hygienicas que se adoptem.

No desempenho da nova commissão, hade o major Pereira de Miranda conquistar um bom nome, porque sabemos bem quanto valem o seu caracter, a sua honestidade e a sua energia. Amigos desde a infancia, sentimos ir ferir a sua modestia ao traçarmos estas poucas linhas que devem acompanhar o seu retrato, mas no desempenho do nosso dever, dirêmos que, se lhe escasseiam mercês honorificas, sobejam as provas de estima de todos com quem elle tem servido; superiores e subordinados fazem justiça ás distinctas qualidades do illustrado official que está hoje exercendo o importante cargo de residente em Cabinda. É este o seu maior elogio.

RESIDENCIA DO GOVERNADOR PORTUGUEZ NO NOVO DISTRICTO DO CONGO

A nossa gravura representa a fachada da residencia do governador portuguez em Cabinda, capital do novo districto do Congo.

Como se sabe para o novo estabelecimento difinitivo no Congo, ordenou o ministerio da marinha e ultramar pelo fim do anno de 1885 que se adquirisse no estrangeiro um certo numero de material de que importa o paiz tenha perfeito conhecimento, para bem avaliar a fórma como os poderes publicos se teem interessado em resolver o difficil problema da occupação do Congo.

Principiaremos por dizer que o encarregado da compra, escolha dos materiaes e dos edificios, foi o sr. capitão de fragata Neves Ferreira, governador do mesmo districto. A maneira habil com que se houve no arduo desempenho de tão espinhosa commissão, poude ser avaliada pelos competentes, por isso que no ministerio da marinha e nas salas da Sociedade de Geographia de Lisboa, estiveram expostas durante muitos dias todas as amostras do material e desenhos das differentes construcções a levantar n'aquelle districto.

O fornecimento foi dado á excellente casa constructora franceza, *Société Tollet*.

Não fatigaremos o leitor com os variados *detalhes* de todas as compras, do escrupulo com que ellas foram feitas, das mais pequenas minucias que foram sempre lembradas pelo previdente commissario portuguez, limitar-nos-hemos a descrever resumidamente o edificio de que damos o desenho.

O palacio do governo que comprehende as secretarias, archivos, casa da guarda, habitação para o governador, etc., é constituido por dois pavilhões ligados por duas galerias fechando um espaço interior destinado a jardim de proximamente 400 m. q. O pavilhão da frente tem um pavimento superior que occupa quasi metade da area do pavimento inferior. O pavilhão da rectaguarda é interrompido a meio para dar accesso ao jardim e que é guarnecido por uma porta de grade de ferro, como se vê do desenho. A boa qualidade do material empregado, liga-se a elegancia da construcção, e revella bem os bons serviços prestados pelo sr. Neves Ferreira, na missão de que foi encarregado e de que tão cabalmente se desempenhou.

Se este funccionario é digno dos maiores encomios pela sua sollicitude, não menor elogio cabe aos representantes da *Société Tollet* pelo modo como cumpriram em tudo, o contracto feito com o governo portuguez.

Lisboa, agosto 1887.

F.

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

A LINHA URBANA DE LISBOA

Mal pensava o nosso espirituoso folhetinista, Julio Cesar Machado, quando intitulou o seu alegre livro *Do Chiado a Veneza*, que poucos annos depois, poderiamos dar a um pequeno artigo descriptivo um titulo mais pomposo, parodiando aquelle, mas ampliando-o pelo largo espaço que então só se percorria em muitas semanas, e hoje e em breve poderemos transpor em poucos dias.

Do Rocio a S. Petersbourgo poderá qualquer intitular uma sua descripção de viagens, sem

usar de figuras de rhetorica, e simplesmente servindo-se de umas linhas ferreas que se succedem sem solução de continuidade, desde a nossa velha praça até as margens do Neva.

Essa transformação da nossa cidade, que ha de repercutir-se nos nossos costumes e, o que é mais, nos costumes de todos que viajam, que se deslocalisam por ver terras, por alargar os seus conhecimentos ou o seu commercio, vae confundir na poeira das grandes demolições uma parte bem antiga da nossa velha Lisboa e tambem uma das suas mais recentes construcções.

De uma damos hoje a gravura — O largo do Camões.

Fallemos d'esta que é, por todos os motivos, a parte mais importante da obra, embora os srs. accionistas, subscriptores, etc. dos Recreios pertendam justificar que os dois edificios mais valiosos do paiz são o convento da Batalha e... o Coliseo.

Mas para elucidação d'esta descripção necessitamos relembrar *o que foi* o largo do Camões, registrando depois *o que é*, para nos prepararmos a dizer *o que vae ser* este pequeno largo, d'aqui a dois annos.

Sem nos occuparmos do Rocio que é incontestavelmente uma das praças mais antigas da cidade, fallemos simplesmente do largo do Camões, praça de moderna data, e tão moderna que não será difficil encontrar quem a visse nascer.

MAJOR FRANCISCO EUGENIO PEREIRA DE MIRANDA — RESIDENTE EM CABINDA

(Segundo uma photographia)

A seu respeito diz o curioso e intelligente compilador de antiguidades historicas Ribeiro Guimarães:

«No Rocio do lado do norte ficava (em 1754) o palacio da inquisição, confrontando com o palacio do duque do Cadaval, depois os paços da camara, e ao lado d'estes umas casas dos herdeiros de D. Balthasar da Silveira.

«O palacio da inquisição não ficava no alinhamento das propriedades do lado occidental da praça, mettia para além d'ellas, como ainda se via em 1835.

«O passo, que serve na procissão dos Passos da Graça está hoje quasi no local antigo; fazia esquina para o pateo do Duque.

«Só depois de 1844 é que se construiu a propriedade que faz agora esquina para o largo do Camões, outr'ora pateo do Duque.»

E mais adiante accrescenta:

«Em 1820, depois da revolução, o povo invadiu o palacio do terror e do fanatismo, devassou-lhe os carceres subterraneos, e as masmorras, derrubou a figura da Fé, que se erguia no remate da fachada, e que tinha sido modelada pelo esculptor Joaquim Machado de Castro.

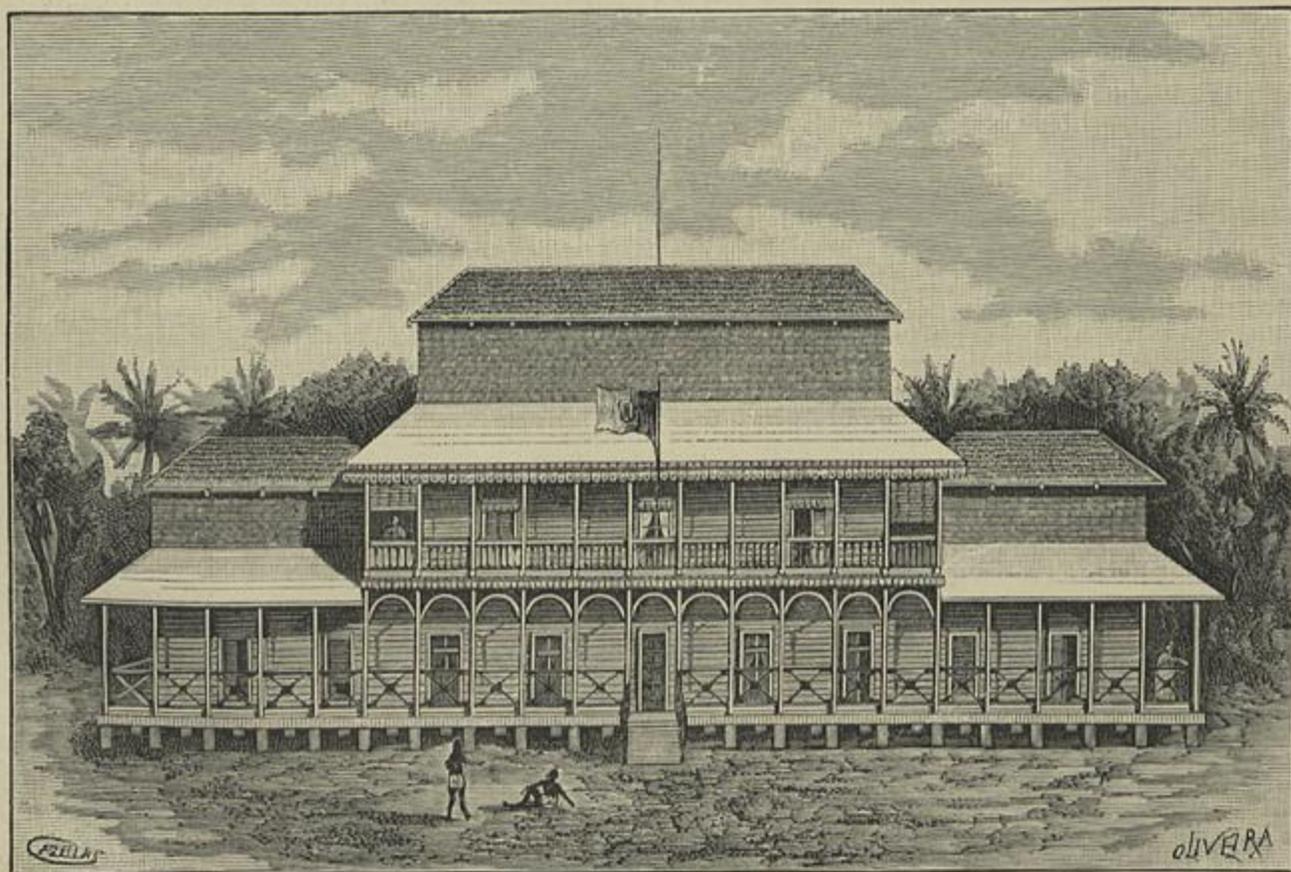
. . . .

«Em 1836, estando n'esse edificio o thesouro publico, a secretaria da fazenda e outras repartições d'ella dependentes, foi tudo consumido pelas chammas, no dia 14 de julho.

«Depois n'esse local levantaram o theatro que lá está, *abriu-se o largo do Camões*, e construiram-se os bellos predios que decorrem até á rua do Regedor, cujo espaço pertencia ao palacio incendiado, e onde havia um jardim com estatuas de marmore.»

Vê-se, portanto, que onde hoje existe o largo do Camões, era parte do velho palacio dos Estaos que D. João III cedeu para tribunal e cadeia da inquisição, onde depois funccionou a regencia do reino, durante a auzencia de D. João VI, e o governo provisorio, creado pelo poderoso movimento de 1820; e a outra parte constituia o pateo do Duque, que hoje, pela abertura da rua do Principe e construcção dos grandes predios onde está a cervejaria Leão, se acha restricto a muito menor espaço.

O nome de largo do Camões, que muitos attribuem erradamente á memoria do nosso grande epico, nada teve de commum com este, mas simplesmente com o seu homonymo por autonomasia, o espirituoso corregedor da côrte de D. João V, Caetano José da Silva Souto Mayor, denominado o Camões do Rocio pelos seus engraçados versos e epigrammas.

Morrendo novo e deixando um nome respeitado, pela integridade com que exerceu os cargos de juiz do crime do bairro da Mouraria, e corre-

CASA DO GOVERNADOR DO NOVO DISTRICTO DO CONGO, EM CABINDA

gedor do bairro do Rocio, a municipalidade Lisbonense quiz-lhe perpetuar a memoria, dando o honroso cognome que os seus condiscipulos na Universidade de Coimbra lhe haviam applicado, ao largo que foi aberto proximo do predio, no Rocio, onde está o paço, e onde elle sempre morou.

O largo do Camões é hoje uma pequena praça quadrangular que não medirá mais de uns cincoenta metros, tendo-lhe sido ultimamente posto no centro um pequeno socalco circular, com um candelabro, de quatro luzes, não só para embellesamento e illuminação da praça, como para servir de balisa ao transito dos trens que, segundo o costume n'esta nossa cidade, onde a tolerancia se alia com a liberdade para produzir o abuso, circulam por um e outro lado sem attenção para com as posturas da camara, nem com as costellas do respeitavel publico.

É toda a frente occidental d'este lado, que a nossa gravura representa, que vae ser demolida para a construcção da grande estação central dos caminhos de ferro, testa da linha urbana de Lisboa.

Compõe-se ella de dois predios de grande importancia, sendo um o palacio do sr. Duque do Cadaval, que tem dois andares com 8 janellas de frente cada um, e o outro, pertencente ao sr. D. Francisco d'Assis d'Almeida, tambem de dois andares com 6 janellas. O primeiro d'estes edeficios completa, com o terreno que lhe pertence, uma superficie de 8:375 metros quadrados, e o segundo 598 metros quadrados.

Nas trazeiras d'estes dois predios estende-se a quinta e jardim pertencente ao primeiro, e que confina com a cêrca da Misericordia e pateo do Penalva, seguindo, por detraz dos demais predios que formam a parte occidental da rua do Principe, até a calçada do Duque, que tambem assim se chama por pertencer o seu terreno do lado direito, á velha casa Cadaval.

Nos predios que vão ser demolidos estavam os seguintes estabelecimentos:

Um armazem de vinhos que tem a porta n.º 71.
Um estanco, a que pertencem as portas n.os 73 e 75.
Loja de artigos militares, porta n.º 77.
Tabacaria e deposito de vinhos do Alto Douro, portas n.os 79 e 81.
Cabelleireiro, n.º 83.
Casa de Paris.—Corôas e flores artificiaes, n.º 85.
Armazem de moveis, n.os 87, 89 e 91.

As restantes tres portas são, uma que dá serventia do predio, e as outras duas estão fechadas.

No proximo artigo trataremos dos Recreios Whittoyne e depois, da fórma porque, ao que parece, será construida a nova estação.

L. de Mendonça e Costa.

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES—A LINHA URBANA DE LISBOA

CASAS DO LARGO DE CAMÕES QUE VÃO SER DEMOLIDAS PARA A CONSTRUCÇÃO DA ESTAÇÃO CENTRAL

(Desenho por J. R. Christino)

EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA DE BELLAS-ARTES

XIV EXPOSIÇÃO

(Continuação)

Emquanto nos detemos ante os retratos do sr. Felix da Costa, um outro retrato que se acha ao lado d'aquelles, suscita duvidas no nosso espirito, sobre se é effectivamente um retrato, se um figurino do *Elegante*.

É effectivamente um retrato, disseram-nos.

Um retrato com aquella *pose;* um attentado contra as leis de Newton.

Pois é, e da má impressão que nos fez, nos vamos esquecer ante um retrato de senhora, do mesmo auctor, o sr. Benarus, muito irreprehensivelmente pintado, e que resiste bem á critica, apesar do rosto um tanto macerado pelo pincel.

Notaremos ainda d'este pintor um quadrinho «*Chalet* do tiro aos pombos na Real Tapada d'Ajuda» que tem algumas notas de tom felizes, e uma cabeça de burro, e umas cabras, muito rasoavelmente pintadas, ainda que pelo parado, pareçam copias de photographia.

Mas a photographia hoje, com os grandes progressos que tem attingido, presta auxilio a muitos bons pintores, e a arte está só em a saber aproveitar bem.

Aqui temos nós o sr. de La Cuadra que se aproveita muito da photographia para pintar os seus retratos, e sem que se possa duvidar da intervenção de Phœbus na sua obra, dá, comtudo, a cada retrato, a côr de cada retratado, o que não deixa de ser apreciavel, visto que tanto descura das roupas que em geral são monotonas de feitura.

Do mais que este sr. expõe, apenas se reconhece que é unicamente um retratista.

Mais um retrato, que a exposição tem d'elles fartura, chama a nossa attenção. É o retrato do sr. Andrade Corvo, pintado pelo sr. Sousa Pinto, um discipulo de Cabanel, que tem estudado em Paris, e que já tem figurado no *Salon*, onde obteve uma menção honrosa com o seu quadro «As calças rotas.» Vê-se por este retrato que tem aproveitado bem o tempo em Paris. O retrato é, sobre tudo, muito similhante, embora o tom levemente rosado da epiderme nos represente o sr. Corvo com alguns annos de menos e alguma saude de mais. De resto está alli muito bem sentado na sua poltrona o notavel homem de estado, apesar de um joelho que avoluma muito pelo redondo e que não escorsa como deveria.

«O Crepusculo» é outro quadro do sr. Sousa Pinto. Um bello effeito de luz, em que nos parece um pouco falso o tom do terreno, e muito bem conseguido o effeito da luz que se vê atravez das vidraças de uma janella da casa situada no ultimo plano.

Os outros pequenos quadrinhos que expõe confundem-se entre a turba multa de pequenas télas de amadores que enxameam a exposição, onde é difficil distinguir qual a de mais valor ou a mais mediocre.

Entretanto cá enxergamos uma pequena tela que tem qualidades. É a «Cumeada (Coimbra)», do sr. Gil, e «O Morgado», um estudo do sr. Verde, representando um vitello a pastar.

Os amadores; deveriamos antes dizer as amadoras, porque effectivamente é o bello sexo o que dá maior contingente para a exposição, n'um esbanjamento de quadros em todos os generos, revelações sympathicas que nos alegram pela sua alta significação, pela demonstração pratica de que o bello sexo se educa e tem aspirações á arte, de que elle é um dos ideaes. Saudemos as senhoras.

Tiremos o chapeu reverentemente, dobremos voluntariamente a nossa espinha, e passemos por deante das senhoras, ou, mais propriamente, por deante dos seus quadros, nem menos de cincoenta e oito, incluindo aguarellas e desenhos a pastel e a lapis guache, firmados por D. Julia d'Aguiar, D. Guilhermina d'Almeida Costa, D. Carolina Calheiros, D. Maria das Dores Marques Pereira, D. Fanny Munró, D. Maria Raposo Prat, D. Luiza Ribeiro da Cunha, D. Selina da Silva, D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro, D. Julia de Aguiar, D. Bertha Ortigão e D. Josepha Garcia Greno.

E só as senhoras nos obrigariam a escrever esta extensa lista de nomes, como qualquer fabricante de recenceamentos em vesperas de eleições.

Dos quadros da Ex.ma Sr.a D. Josepha Greno já fallámos, e se fallamos d'elles primeiro que de outros foi porque mais do que estes nos impressionaram.

Explicado o caso, continuemos.

A Ex.ma Sr.a D. Bertha Ortigão, é uma amadora que já tem fóros de artista, e o mesmo poderemos dizer da Ex.ma Sr.a D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro.

Ambas cultivam o genero flores com certa distincção, mas D. Bertha vae mais além, tem mais ambições: cultiva todos os generos, se póde dizer, e as suas paisagens como as suas figuras resentem-se justamente d'esta volubilidade.

Os seus quadros tem entretanto certa distincção animadora de quem dispõe de talento e só lhe falta sufficiente estudo.

Outro tanto observamos nos quadros da Ex.ma Sr.a D. Fanny Munró, uma distincta amadora que recebe lições de Silva Porto, com grande aproveitamento, revelado nas pequenas paisagens que expõe e no «Canto de Sala», um agrupamento de vasos de metal, do seculo XVII, o qual precisava mais certeza no tom e menos dureza no desenho.

O mesmo notamos em dois quadros de flores da Ex.ma Sr.a D. Luiza Ribeiro da Cunha, «Na Côrte» e «Na Aldeia» cujo acabamento toca a dureza, sem fallarmos de um retrato bastante infeliz.

E que diremos de «Um estudo de arvores» da Ex.ma Sr.a D. Julia d'Aguiar; de «Um temporal na Madeira» muito falso no tom pardo? Talvez nos apontem um outro quadrinho da mesma auctora «A Pontinha, na Madeira», que é feito sobre uma impressão muito mais colorista, mas o colorido tambem é falso e só nos alegra a retina pelo variegado.

Achamos mais justo no tom as «Bigonias e rosas» da Ex.ma Sr.a D. Guilhermina d'Almeida Costa, e as «Rosas e lilazes» da mesma auctora, que melhor seriam se o fundo do·quadro fosse mais neutro.

Dos «Coelhos» não fallemos; é muito melhor o «Peixe», um bello goraz appetitoso, pintado com uma fidelidade naturalista pela Ex.ma Sr.a D. Carolina Calheiros.

E percorrendo a exposição em busca de mais alguns quadros pintados por mãos femininas, encontramos um «Estudo» da Ex.ma Sr.a D. Maria Rapozo Prat, representando umas aboboras, que é de suppor estejam pintadas ha muito tempo, pela apparencia decrepita do quadro; e o «Regaço de rosas», da Ex.ma Sr.a D. Maria das Dores Marques Pereira, umas rosas muito pallidas e uma composição muito extranha. Não bastou cortar os pés e o busto á figura, mas ainda apparacer aquella mão de cera ao cantinho do quadro a sensibilisar-nos, assim decepada.

E agora só temos a «Boa-Hora (Belem)», uma pequena tela da Ex.ma Sr.a D. Selina da Silva, que tanto póde ser copiada do natural como de alguma photographia, mas que em qualquer dos casos só mostra bons desejos.

Perdoae-nos, gentis amadoras, se não vos podemos ser mais agradaveis, mas V. Ex.as detestam a mentira.

Não é assim?

E nós tambem.

Xylographo.

(Continúa.)

O VISCONDE DE JUROMENHA

VI

Por que é que, depois de publicado o tomo VI das *Obras de Luiz de Camões*, o visconde de Juromenha não proseguiu na impressão, dando ao prelo o tomo VII, de que fallára e promettera?

Conjecturo que elle, em primeiro logar, quiz descansar; e em segundo, desejou assegurar-se com mais alguns elementos que os que possuia para o formar e redigir. N'esse tomo poria não só numerosos additamentos e correcções ás notas publicadas nos anteriores, mas tambem indicações biographicas dos personagens historicos citados nos *Lusiadas* e que entram na acção do sublime poema, e duas interessantissimas monographias, uma relativa ao episodio de D. Ignez de Castro e outra ácerca da origem dos torneios e do episodio dos doze pares de Inglaterra. Tinha elementos, porém não o satisfaziam. Pensava, com razão, que os estudos historicos não se dão como terminados quando o escriptor consciencioso quer, mas quando adquire a convicção de que chegou a um resultado seguro e incontestavel. O visconde não adquirira essa convicção. Dizia-o francamente.

Além d'isso, não o preoccupava só a idéa de Camões; com as averiguações para estudar a fundo as obras do grande epico e a sua época, tinham vindo outros estudos egualmente de importancia, e d'ahi maior demora para a conclusão de todos os trabalhos. Examinando os seus papeis, vê-se, que, ao par dos estudos camonianos, duas outras obras tinham chamado a sua attenção e lhe mereciam especial cuidado: a historia da arte em Portugal e a biographia apologetica de Lucrecia Borgia.

É geralmente sabido, que os dois volumes do conde de Rackzynski, *Les arts en Portugal* e o *Dictionnaire historico-artistique du Portugal*, tiveram maior voga e ainda são mui estimados porque o visconde de Juromenha deu para elles, com bizarria, o fructo de suas pesquizas, as suas proprias notas, que elle ia colligindo para um dia escrever a historia critica da arte. N'esses volumes ficaram notavelmente ampliados os trabalhos de Cyrillo Volckmar Machado e João da Cunha Taborda, que no seu tempo, embora com grandes imperfeições, fizeram muito.

Honra lhes seja!

Em 1873, por circumstancias politicas e a instancias dos seus correligionarios, saiu do reino. Promettera estar ausente quinze dias apenas: o tempo sufficiente de ir á Baviera e voltar de lá, aonde fôra convidado a assistir em Heubach ao consorcio da princeza D. Maria Thereza de Bragança com o archiduque Carlos Luiz, irmão do imperador de Austria-Hungria, Francisco José I. Demorou-se porém quatro mezes.[1]

Quando voltou pôz em ordem os seus apontamentos de viagem, e lembrou-se de os dar á estampa. Tinha-os dividido em duas partes, uma descriptiva e amena, e outra politica. Na segunda pretendia defender, ou antes apagar, a memoria de uma accusação que o visconde julgava gravemente injusta e calumniosa para o infante D. Miguel de Bragança. Esta obra ficou inedita, e não sei por quê.

Creio que lhe faltaram alguns documentos com os quaes contava e não chegaram; e como nem abandonára o trabalho camoniano, nem o da *Lucrecia Borgia*, que ia crescendo dia a dia, foi perdendo pouco a pouco a ideia de dar a ultima lima a esse opusculo politico.

No começo do anno 1880, reaqueceu o seu enthusiasmo pela obra de Camões e tambem pensou na sua contribuição para a solemnidade do tri-centenario. Chegára a epoca de acabar o tomo VII. O visconde escrevia a alguns amigos de dentro e fóra do reino:

—Vou emfim pôr termo á obra. Empregarei os ultimos esforços e colligirei os derradeiros apontamentos. Isto ha de ter um remate, segundo o meu plano.

Em março do anno indicado correu á imprensa nacional, apresentou uma porção de quartos autographos, limpamente copiados de sua mão, e disse:

—Aqui temos o começo do tomo VII. Vâmos a acabar com isto. Apresentemo-nos com esta humilde contribuição para a grandiosa festa do tricentenario.

Os quartos de original eram em numero de vinte e sete, e continham uma especie de monographia do infante D. Henrique. O auctor, pondo á frente do volume a biographia do sabio infante, e dando conta dos seus estudos e dos seus esforços para incitar os brios e a coragem dos navegadores portuguezes, como que o fazia presidir á serie das ousadas emprezas que antecederam os grandes descobrimentos; e que serviram de excitar o genio de Camões para os seus gloriosissimos *Lusiadas*.

VII

Corria o mez de março de 1880. Se o visconde tivesse prompto o original, a imprensa, com os meios de que dispõe e a boa vontade dos funccionarios e artistas que a dirigem, daria de certo a tempo o volume; porém, o nobre auctor viu que não lhe era possivel vencer o trabalho. Além d'isso, o annuncio de estudos e publicações camonianas de diversa indole, nas principaes terras do reino e de escriptores que tinham nome na republica das lettras, fizeram-n'o recuar. Não desistiu. Aguardou melhor opportunidade. E como alguns de seus apontamentos bibliographicos, colligidos depois da impressão do tomo VI das *Obras* citadas, podiam servir para os esclarecidos promotores da festa do tricentenario no Porto e sobre tudo para os que tinham tomado sobre si o encargo da exposição camoniana no Palacio de Cristal, d'aquella cidade, mandou-os para lá.[1]

Passadas as grandiosissimas festas do tricentenario, as circumstancias mudaram infelizmente para o visconde. Tendo completado os 73 annos, elle sentiu que em idade tão avançada lhe iam diminuindo as forças e declinando a saude, que se lhe alterava com alguma gravidade.

No entretanto, elle foi supportando as novas amarguras que lhe provinham da saude deteriorada, e procurando occultar as suas dôres e minorar os seus intimos desgostos, continuando nos lavores litterarios, a sua maior, a sua mais consoladora distracção, o seu lenitivo unico para o seu coração dilacerado, desde que perdera a esposa carinhosa e companheira dedicadissima.

As obras, por cujo termo anciava, juntou mais uma: a analyse do interessante livro do sr. Latino Coelho relativo á vida e ás obras de Camões no tomo I da *Galeria dos varões illustres*, do estimado editor David Corazzi. O visconde convencera-se da necessidade d'este trabalho, por entender que o illustre prosador e notavel estylista se afastára muito do modo de vêr d'elle no tomo I das *Obras*, e não lhe permittia o animo deixar passar sem reparo asserções que lhe parecia deverem ter refutação immediata.

A resposta do visconde á biographia do sr. Latino Coelho era ampla e tinha a nobre franqueza do caracter do auctor. Não porei que elle analysava palavra a palavra o primeiro tomo da *Galeria dos varões illustres*, mas com certeza fazia o exame critico da obra, capitulo por capitulo, seguindo o illustre escriptor nos seus processos e apreciações. Este trabalho do visconde devia ser egual nas proporções ao do sr. Latino Coelho.[2]

Em 1884 aggravaram-se-lhe os padecimentos. Caiu na cama. Os medicos julgaram a molestia difficil de debellar-se. Abeirára-se da sepultura. A natureza auxiliada da sciencia triumpharam d'esta vez. Mas o visconde perdera a antiga energia. Desde então elle procurava nos livros e nas bibliothecas illudir-se, com singular resignação, porque ia reconhecendo que as forças lhe faltavam e o vigor intellectual de outros tempos não voltaria. O seu restabelecimento não fôra completo. A medicina não o enganára.

Aproximava-se dos 80 annos. Esta lucta pela vida abatera-o, tornára-o mais triste. Queria occultar de todos esse estado, mas baldadamente. Antes do meado anno de 1887 sentiu-se mal na sua bella e productiva propriedade de Carnide e decidiu vir passar algum tempo na sua

[1] As pessoas que foram a essa festa nupcial tiraram depois em Francfort os retratos em grupo photographico, cuja primeira figura é o filho do fallecido D. Miguel de Bragança. Entre os principaes, que o cercavam, entravam o visconde de Jorumenha, e os srs. Pedroso, Antonio de Carvalho Daun e Lorena, padre Reis, padre Grainha, Sarrea Prado, e outros.

[1] Na advertencia preliminar da *Bibliographia camoniana servindo de catalogo official da exposição camoniana do centenario, coordenada pela commissão litteraria das festas*, leio o seguinte (pag. V):

«Na secção relativa ás traducções ha referencias a uma fonte litteraria inedita, o vol. VII do sr. visconde de Juromenha. S. Ex.a quiz ter a bondade de permittir, que esses apontamentos fossem incluidos n'este trabalho, desfalcando o seu ultimo volume, ao qual restituimos, com as referencias, o que lhe é devido.»

[2] Entre as controversias, que elle pretendia sustentar a proposito dos assumptos camonianos e em defeza das suas convicções e da sua critica, deve notar-se a resposta ao livro *Camões e os Lusiadas*, do general Evaristo Leone. Tanto esta, que ficou mais atrazada, como a referente ao sr. Latino Coelho, quasi completa e em adeantada revisão do autographo, se conservam ineditas. O visconde deixou outros ineditos, que talvez possam aproveitar-se, convenientemente estudados e revistos.

casa em Lisboa, na rua do Infante D. Henrique, em frente do edificio do asylo de S. Thomé. Os medicos que o tratavam, aconselharam-lhe a mudança para a capital, como necessaria á sua melindrosa saude, mas bem sabiam que chegára o periodo fatal. No começo de maio estavam perdidas todas as esperanças. Rodeado de alguns dos seus parentes mais proximos, que lhe prestaram cuidados e desvelos, o 2.º visconde de Juromenha, João Antonio de Lemos Pereira de Lacerda, finava-se ao amanhecer do dia 28 d'aquelle mez.

Considero a perda d'este illustre homem como nacional. E se é licito ainda affirmar aqui o meu juizo a seu respeito, repetirei, em conclusão d'estas breves notas biographicas, o que escrevi algures: «É perda nacional, porque os do seu caracter e tempera, os da sua constancia no estudo e no trabalho, os da sua persistencia nas convicções intimas, na época das contradicções, das inconveniencias, das inconstancias systematicas, jactanciosas e apregoadas, vão rareando, e vejo que não são facilmente substituidos».

Brito Aranha.

SCENAS DA VIDA RUSTICA

A NETA DO TIO TORQUATO

(Continuado do n.º 312)

VI

Decorreram assim alguns annos, e entretanto Izabelinha crescera e estava já uma mulher. Quando eu, ao anoitecer, apeando-me da diligencia, que passava perto do Cardal, chegava a casa d'elles, e, antes de bater, espreitava pela rotula da janella, quantas vezes os vi sentados em frente um do outro, ella lendo algum livro que lhe tinham emprestado, elle, o velho, com os seus grandes olhos attentos no rosto da neta, embevecido, immovel, com a bôcca entreaberta, ouvindo-a, e interrompendo ás vezes a leitura, e fazendo-a repetir, quando lhe escapava o sentido da phrase, que elle á primeira não comprehendera. Que delicioso *tête-á-tête*, e que formoso quadro com elle faria um bom pintor!

Uma tarde o livro eram os *Doze casamentos felizes* de Camillo.

—Boas historias—disse elle—boas historias conta este senhor.

—Então vocês teem gostado, hein?

—Temos, sim, senhor,—mas, deixe-me dizer-lhe uma coisa, sr. Zacharias, eu tenho gostado muito, tenho, e ella tambem: até as noites parecem mais pequenas, está a gente entretida; mas, não sei o que é—isto de casamentos agora faz-me ás vezes tristeza... e apontou com os olhos para a pequena.

—Ainda é cedo—respondi eu, adivinhando-lhe o pensamento.

—Sim, senhor, ainda será cedo, mas mais dia menos dia ha de ser, e como será? Ahi é que está a duvida. Ella é como se vê, benza-a Deus, e prendada para a sua classe: eu corre por ahi que ainda hei de ter ao canto da arca umas loiras guardadas para algum guloso, porém, o que eu lhe digo é, que os tempos hoje parece que já não são os mesmos, e com os tempos tudo mudou tambem... Os rapazes... estão bons... como os lobos... e o velho caçador arrastou, e mastigou estas ultimas palavras, e cuspiu para a banda, como se ellas lhe amargassem.

Izabel guardara o livro, e fôra dar ordem á ceia.

—O amigo diz que ainda é cedo—continuou Torquato, apenas a neta voltou as costas. Olhe que talvez não seja. Eu já estou com a pedra no sapato. Ha dias, ao voltar da villa, onde fui pagar um fôro, dei aqui com umas creaturas, e confesso que não gostei nada da visita. Uma d'ellas tem um filho, que não é boa rez, e que ha tempos se anda a chegar para a pequena. Elle é da tropa, e ella ainda não sabe o que vae pelo mundo.. Eu penso, ás vezes, que tinha sido melhor ella ter ido com a mãe... Estavam ambas com Deus.

—De que morreu sua filha?

—A Thereza morreu de doença de peito—respondeu elle com um suspiro. Ninguem diria, uma mocetona rosada, e forte como uma torre, que havia de morrer tisica. Eu fui sempre sadío, mas aquillo quero crer que seria herança da mãe. Ella ainda viveu alguns mezes depois de ter a Izabel, mas saltou a doença com ella, a febre nunca mais a largou, e foi-se como um passarinho. Não tinha casado a meu gosto, e o valdevinos do marido não me quiz deixar por mentiroso: desappareceu aqui da terra um dia, e nunca mais houve noticias d'elle. Um tunante... Dizem que foi para o Brazil. Iria... não sei. De fórma que eu cá fiquei a fazer de pae, de mãe e de ama... e tudo. Agora, custa-me, se ella levar mau caminho... e acabando estas palavras com a voz sumida, baixou a cabeça e ficou com os olhos pregados no chão.

Que pungentissimo drama prenunciavam aquellas palavras!

O pobre velho, depois de ser o protector unico e desvelado, estava prestes a ser a victima d'aquella creança, que lhe era duas vezes cara pelo sangue e pelo affecto. É que o amor tem ás vezes o egoismo frio e a perversidade inexoravel do mais reconcentrado odio.

Era a primeira sombra triste que eu via n'aquella casa: o anjo do mal approximava-se do paraiso.

Passado um momento Torquato levantou a cabeça com um movimento sacudido, como se quizesse affastar ruins pensamentos, e voltando-se para o lado da cosinha, chamou a neta.

—Lá vou—respondeu ella, e veiu logo.

—Olha, mostra aqui os presentes que te mandou a comadre.

—Ah! o vestido e as botinhas? Sim, avôsinho—e a rapariguinha correu apressada ao seu quarto, e trouxe de lá as prendas que recebera.

—Ha de estreal-as no dia dos seus annos, que está para breve. Vae fazer treze.

—Quatorze, avôsinho.

—Pois sim, quatorze, mas parece ter mais, não parece? perguntou elle com os olhos jubilosos e desvanecidos. E então como aquillo lhe fica! Parece uma fidalga. Não é por ella me pertencer, mas corto a cabeça, se ahi houver outra da sua egualha que lhe faça sombra.

—O Torquato, você envergonha a pequena. Olhe...

Effectivamente Izabel estava córada como uma romã, e, ao ouvir as minhas palavras, para occultar a commoção agarrou-se ao avô, que a abraçou com ternura.

—Então, temos chorata? Vamos, larga a pequena, Torquato. Queima-se o guisado, e ficamos sem ceia, Izabelinha.

—O senhor desculpe, mas não está mais na minha mão... O que quer que lhe faça?... a gente diz que somos duas vezes creanças—e proferindo estas palavras o velho levou a mão á cara, para esconder as lagrimas, que lhe bailavam nos olhos.

Santas e doces lagrimas! Nunca elle chorasse outras.

VII

Durante o tempo da defeza da caça, quasi que cessaram as minhas relações com a gente do Cardal, mas um dos primeiros dias de setembro amanheceu soberbo, e quando me levantei, e, chegando ás janellas do jardim, respirei as primeiras aragens frescas da madrugada, senti a nostalgia dos campos. D'ahi a poucas horas dava entrada na estação de Santa Apollonia com armas, cães e bagagens.

Era um domingo. Na estrada e nos caminhos via-se maior movimento de peões e cavalleiros, e as vendas, á entrada das povoações, estavam atulhadas de freguezes, que fallavam e gesticulavam com grande animação, cortando o dialogo com lentas goladas, sorvidas em prodigiosas canecas e largos copos de figura.

Aquelle desusado bulicio, o ar de festa que tinha a villa, a multidão agglomerada no adro da egreja, os grupos que se formavam e dissolviam, conforme chegava ou partia algum magnate da terra, ou algum lavrador com seu sequito de caseiros, tudo dizia claramente que era aquelle um dia de eleições.

Eu tambem recebera muitas cartas, recommendando umas os candidatos A A, por serem os unicos dignos de representar e advogar os grandes principios da democracia e do progresso, e outras os candidatos B B, por serem tambem os unicos, etc., mas, na duvida, resolvera abster-me, e deixar que na minha ausencia os partidos politicos de Portugal dessem batalha no campo pacifico da urna—conforme ouvi dizer um dia a um grande orador n'um comicio.

A imagem não era inventada por elle, mas fez-me impressão. O campo pacifico da urna! Uma urna transformada em campo! É forte, não é? amigo leitor. Pois bem o homem fallou muito, e não disse só esta, mas foi applaudidissimo.

—Aquillo é que é fallar—diziam ao pé de mim uns sujeitos enthusiasmados. Este é que já ha muito devia estar em S. Bento.

Como isto foi ha muito tempo, é natural que elle já lá esteja.

Torquato tambem n'esse dia viera á villa, e eu dei com elle a conversar com outro homem, quando cheguei.

—Olé! hoje por cá!—disse elle admirado.

—Escolhi mau dia, pelo que vejo. Parece-me que até as perdizes estão nas egrejas, e ahi estão seguras—é terreno sagrado.

—Perdizes? disse o sujeito, voltando-se para mim. Hoje aqui na egreja ha uma, lá isso ha: é a do dr. Machado, que perde a eleição. Oh, se perde!

—Agora perde... retorquiu o Torquato, piscando-me o olho. Isso é o que ainda havemos de ver.

—Mas é que perde: é como lhe digo. Elle é um parlapatão muito grande, e vinha aqui para a botica gabar-se de que tinha os votos todos aqui na mão. Quando fomos convidal-o para o centro, disse-nos que não acceitava, porque estava resolvido a saír da politica, e vae agora, propõe-se cá pelo circulo! E o atrevido nem nos mandou sentar! Que lhe parece? Pois nós lhe diremos quem ganha. E adeus, até logo. Lá vem o Antonio Mathias. Vou ver o que ha de novo. E o influente lá foi ás carreiras ao encontro do recemchegado.

—Sim, sim—disse Torquato, quando elle voltou costas—quem te não conhecer, que te compre, e, virando-se para mim—Eu já cá o esperava domingo passado. Andaram ahi os Fonsecas e fizeram uma caçada real. São tres espingardas de lei. Trouxeram comsigo dois caçadores de contrato: é uma asneira, que eu não chego a perceber. Pois não é? Aquillo é darem em si—é ensinar o caminho ao inimigo. Não tinham cá na terra quem os guiasse? Elles depois veem aqui até no tempo dos pares, como me disseram que estão fazendo os de Lisboa no Poceirão e nas Vendas Novas! As auctoridades deixam, e d'aqui a pouco não ha nem uma lebre, nem uma perdiz, e então nem para uns, nem para outros.

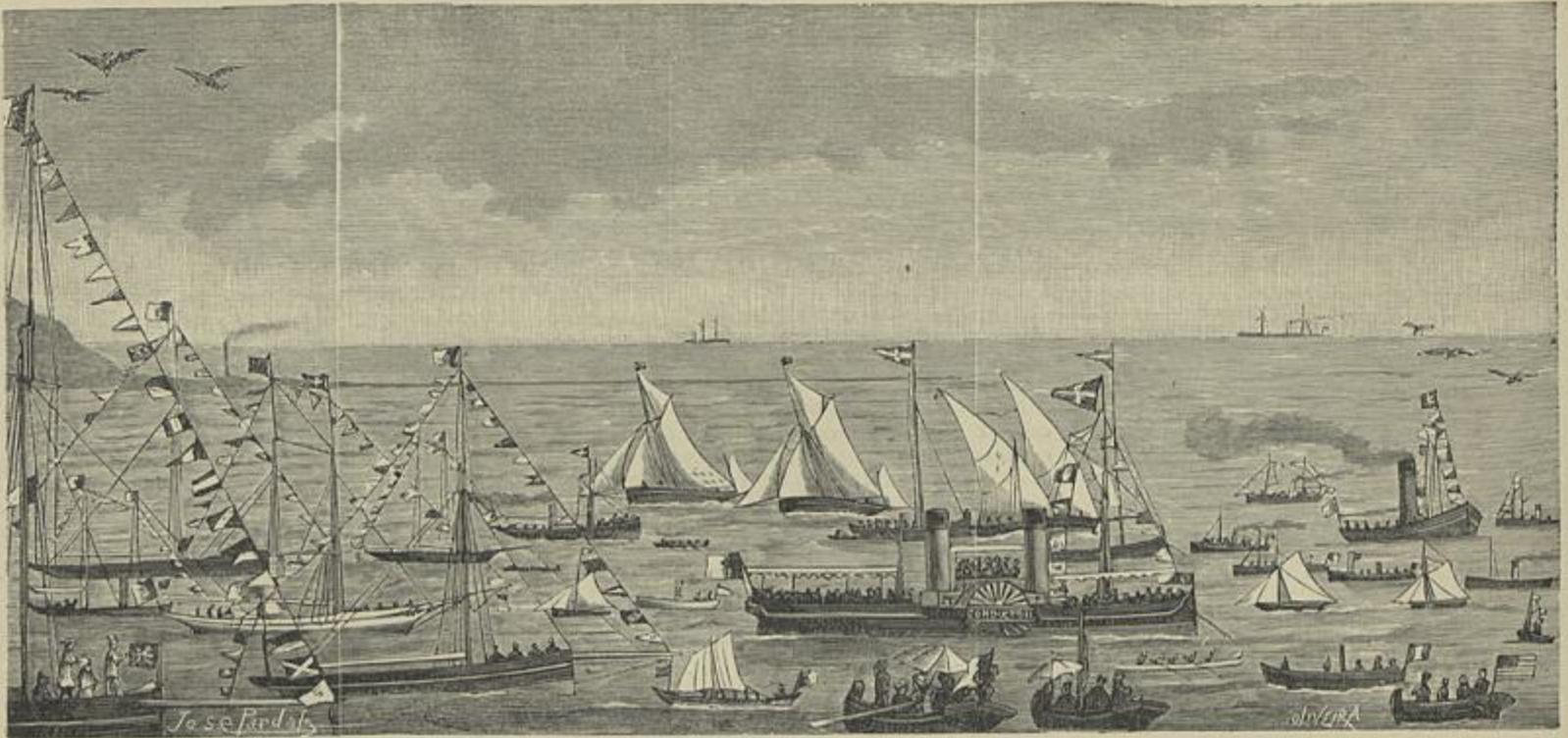
—Mas, voltando á politica, interrompi eu, você, Torquato, nunca...

—Não, senhor, atalhou elle logo. Foi por causa d'umas eleições, que meu irmão Thomaz matou o homem na Azambuja, onde era feitor, e nós todos ficámos desgraçados, e uns pobres de Christo, para o livrar. Emfim elle lá está já com Deus, que lhe perdôe. E olhe que não era mau homem, valente, sim, mas a indole era sã. E eu avisei-o muita vez... Tinha de ser. Até já tinham passado as eleições... Tinha de ser—repetiu elle. Nada de politicas. Mas deixemo-nos de tristezas: não pagam dividas. Eu disse-lhe que nunca me tinha mettido n'estas danças, mas agora me lembro d'uma historia de que o senhor talvez goste.

O meu compadre Joaquim Manoel bem conhece a arrelia com que eu fiquei a estas coisas, depois do caso de meu irmão; mas sempre que ha eleições investe comigo, e eu vejo-me atrapalhado, porque nós somos amigos, e eu devo-lhe obrigações que nunca lhe pagarei, e elle tambem algumas me deve... Emfim, somos como irmãos. Ora uma vez que o partido d'elle—não me lembro já qual era—tinha o caso mal figurado, o Joaquim Manuel foi ao Cardal procurar-me, e pedir-me por tudo quanto havia que o ajudasse, ou que, ao menos, lhe fizesse a mercê de ir votar com elle. Olhe que foram estas as suas palavras. Mas eu havia feito um protesto para não, e não o quebrei, porém lembrei-me d'uma sahida. Havia aqui um rapazote, filho d'um padre—valha a verdade—que era doido por caçar, e andava atraz da mim para eu o levar ahi a umas propriedades guardadas, onde poucos entravam, e havia lá perdizes em barda, e mansas que quasi se deixavam agarrar á mão... O rapaz já n'aquelle tempo votava, e era do outro partido por causa do pae, que era um dos mais assanhados lá da sua synagoga. E vae eu de que me lembrei?

—Convidou o rapaz.

—Acertou. Convidei o rapazola para a tal caçada no dia da eleição, e, para que elle me não escapasse, fil-o dormir a noite de sabbado para domingo lá em casa, dizendo-lhe sempre que tinhamos tempo para estoirar meia duzia de perdizes, e virmos ainda deitar a lista. Mas qual lista, nem meia lista. Ainda o sol vinha lá em casa de Deus verdadeiro, já nós estavamos muito longe d'aqui, e depois, como elle não conhecia os terrenos, ia-lhe dizendo que estavamos perto, mas não descancei emquanto não preguei com elle na charneca da Sobreira, que, como o senhor sabe, fica d'aqui trez leguas. A caçada foi boa, mas quando cá chegámos davam sete horas n'a-

REAL ASSOCIAÇÃO NAVAL

A REGATA NO TEJO—No dia 21 de agosto, promovida pela Real Associação Naval

(Desenho do natural, pelo artista amador sr. José Pardal)

quelle relogio. As eleições estavam feitas, e eu sem quebrar o meu protesto, tirei um voto aos inimigos do meu compadre, e fiz-lhe o favor que elle me pediu. Mas o senhor não veiu cá para conversar. Na Alagoa anda uma banda inteira: são algumas quatorze. Vamos lá dar-lhe uma saltada?

—Ainda o pergunta? É já.

Quando recolhemos á tardinha traziamos nas redes oito perdizes magnificas, perdizes de vinha—gordas e saborosas, um manjar de principes—que depositámos nas mãos da interessante Izabelinha.

(Continúa). *Zacharias d'Aça.*

RESENHA NOTICIOSA

Livro Novo. Vae brevemente entrar nos prelos da Imprensa Nacional uma *Chorographia Geral dos Açores* que o sr. Alberto Telles, natural da ilha Terceira, concluiu ha pouco. A impressão é feita por conta do Estado. A obra consta de um diccionario chorographico de todo o archipelago açoriano e de mappas das quatro principaes divisões do territorio—a ecclesiastica, a administrativa, a eleitoral, a judicial e a militar.

Fallecimento. Falleceu repentinamente na cidade do Porto o sr. dr. José Fructuoso Ayres de Gouveia Osorio, lente da escola medica d'aquella cidade, presidente da camara municipal e par do reino vitalicio. O sr. Gouveia Osorio era um dos mais distinctos membros do partido progressista ao qual prestou relevantes serviços.

Outro. Falleceu em Aveiro o sr. Manoel José Mendes Leite, fundador que foi com José Estevão, da *Revolução de Setembro*, e um dos poucos que restam dos sete mil e quinhentos da praia do Mindello. O sr. Mendes Leite, alistado no batalhão academico, tomou parte nas luctas do partido liberal e foi dos que mais soffreu pela grande causa, tendo que emigrar para Inglaterra por via de Hespanha. Depois de estabelecido o regimen liberal continuou na lucta pela carta constitucional e teve de emigrar para França onde esteve com José Estevão. Regressando á patria em 1846 pela amnistia alcançada pela revolução popular, tomou parte na embuscada de 6 de outubro. Redigiu com Braamcamp as condições de amnistia depois da acção do alto do Viso. Tomando parte na expedição do Conde das Antas, foi aprisionado na barra do Porto pela esquadra ingleza e encerrado na torre de S. Julião. Em 1848 era novamente preso e mettido no Limoeiro com Manoel de Jesus Coelho e Duarte Nazareth, como implicados na chamada conspiração das hydras. Assim passou Mendes Leite perto de trinta annos da sua vida até que em 1851 foi eleito deputado ás côrtes por Aveiro, terra onde nasceu a 18 de maio de 1809. Em 1852 fazia incluir no acto addicional da carta a abolição da pena de morte para os crimes politicos. Voltou á camara em 1856, eleito pela Feira, e em 1863 era novamente eleito por Aveiro, em substituição de José Estevão que havia fallecido. Foi governador civil de Aveiro.

Albergue Nocturno. Inaugurou-se em Evora um albergue nocturno á imitação do que se acha estabelecido em Lisboa.

Quadros de Grão Vasco. O pintor italiano Constantini, que ha tempos noticiamos ir a Vizeu copiar os quadros de Grão Vasco que existem na Sé d'aquella cidade, não poude proseguir então no seu trabalho, pelo excesso de frio e falta de commodidades que alli encontrou. Voltou porém agora, e lá está copiando os referidos quadros.

Uma excentricidade galante. Foi recebida no correio de Nova-Hawen, nos Estados Unidos, uma carta com a seguinte indicação: «Pede-se a entrega d'esta carta, sem a abrir, á mais formosa moça de Nova-Hawen, que tenha entre dezoito e vinte annos de idade. O director do correio, muito naturalmente, não tomou o encargo de Páris, mas resolveu que á rapariga mais formosa d'aquella cidade, que fosse reclamar a carta, esta lhe fosse logo entregue.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Caderneta de Campo por F. P. Passos, Moreira Maximino & C.ª editores, Rio de Janeiro. Um livro tão elegante quanto util, especialmente destinado aos engenheiros e conductores de trabalhos de vias ferreas, para o que contem tudo quando póde interessar a estas construcções, sob o ponto de vista theorico e pratico, pois que o seu auctor reune ambas as habilitações, adquiridas n'um largo tirocinio de trabalhos na estrada de ferro D. Pedro II, etc.

P. L. M. por Xavier de Montepin, traducção de Cunha e Sá. David Corazzi editor, Lisboa, 4.º volume d'este romance, um dos melhores do festejado auctor, e cuja publicação tem sido feita ás folhas semanaes.

Revista Angrense *publicação quinzenal*, Angra do Heroismo. N.º 1 do 1.º anno com uma chronica por Argueiro e um conto transcripto, por Fialho d'Almeida. Os nossos comprimentos ao novo collega.

Lyrica por Filinto de Almeida. Typographia e Lythographia de Moreira Maximino & C.ª Rio de Janeiro, 1887. O nome de Filinto de Almeida é justamente laureado entre a sociedade fluminense, e o seu livro de versos *Lyrica* que nos dá motivo a estas linhas, vem confirmar os creditos do auctor, um poeta de raça, cuja lyra tem toda a elevação do sentimento e da arte com que faz os seus versos.

Miguel Strogoff *segunda parte—A invasão*, por Julio Verne, traducção de Pedro Vidoeira, David Corazzi editor, Lisboa. Mais um volume da grande edição popular das viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos, extremamente economica e que tem alcançado o maior exito no nosso paiz.

O Instituto, *revista scientifica e litteraria*, vol. xxxv, julho de 1887, segunda serie, n.º 1. Coimbra, imprensa da Universidade. O summario d'este numero é o seguinte: Historia do beneplacito em Portugal, por José Pereira de Paiva Pitta; Molluscos marinhos do Algarve, por Augusto Nobre; A virgem da Conceição, (poesia) por Candido Lusitano, com uma nota, por A. A. da Fonseca Pinto; Elegia (poesia), por F. L.; Oração recitada pelo decano interino da faculdade de direito, no doutoramento de Manuel Dias da Silva, por Antonio dos Santos Pereira Jardim; D. Antonio da Costa, por A. M. Seabra d'Albuquerque.

Typ. Castro Irmão—Rua da Cruz de Pau, 31—Lisboa